



**INTERVENÇÃO DO ALMIRANTE  
CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA,  
POR OCASIÃO DO “ATLANTIC PARTNERSHIP SEMINAR”,**

**“A Macaronésia da Língua Portuguesa – Uma Estratégia  
Marítima”**

**Lisboa, 17 de junho de 2023**

**Senhor Presidente da Comissão Parlamentar de Defesa Nacional,**

**Suas Excelências,**

**Embaixadora da Alemanha em Portugal,**

**Embaixadora da África do Sul em Portugal,**

**Senhor Ministro Plenipotenciário da Colômbia em Portugal,**

**Senhora Diretora do *Africa Center for Strategic Studies*,**

**Senhor Almirante Coordenador do Centro do Atlântico**

**Senhora Presidente da IDD, Portugal Defence,**

**Senhores Oficiais Gerais,**

**Minhas senhoras e meus senhores,**

Quero começar esta breve intervenção saudando o Sr. Professor Assis Malaquias pelo convite que me endereçou. Gostaria, também, de saudar os colegas de painel, bem como todos os presentes.

O tema da minha intervenção neste seminário está - como não podia deixar de ser! - relacionado com o mar. E sendo o mar um dos principais vetores de prosperidade, desenvolvimento e segurança dos povos, tudo o que se relaciona com ele merece, não só, **reflexão aprofundada**, mas também **consequente ação pragmática**.

É neste contexto que, fruto de uma vida e de uma carreira dedicadas ao mar, tenho pensado, escrito e operacionalizado uma visão integradora e holística que **prospetiva no mar uma solução e um futuro para os países que, como Portugal, têm recursos financeiros, humanos e materiais limitados**, à escala global, mas possuem **grandes espaços marítimos** com elevado **valor**

**geoestratégico**, e **gocioeconómico**, quer seja pela posição, recursos naturais, ou ainda por serem cruzados pelas principais rotas comerciais marítimas, quer estas sejam de produtos e bens, de pessoas, ou da informação por via dos cabos submarinos. Este posicionamento tem um elevado valor que pode ser alavancado mas pode também, por outro lado, constituir uma ameaça à soberania e à segurança desses países se não for bem acautelado.

A **geopolítica do Atlântico** é marcada por **desafios e oportunidades** que resultam deste oceano ligar três continentes em diversos estados de desenvolvimento tecnológico e económico, ser uma bacia de imensos recursos naturais, ter no continente africano o maior crescimento expectável da população humana nos próximos 30 anos, ser crucial para a segurança Ocidental e palco de atuação de atores globais, exteriores a este espaço, num posicionamento para além dos aspetos meramente económicos e competitivos.

É neste contexto de grande complexidade, central às futuras disputas entre o Ocidente e o Oriente, que defendo que Portugal e os países de língua oficial portuguesa podem formar uma **comunidade intra-comunidades**, com vantagens para todos, e com novas centralidades que compensem as limitações de cada um destes países e desenvolverem uma geoestratégia para a Lusofonia.

Haverá, na minha modesta observação, uma disputa mundial centrada no Indo-Pacífico, definidora das relações internacionais futuras neste século, mas o que me parece esquecido, é que sem um Atlântico alinhado com o Ocidente, este não vencerá, ou sobreviverá a essa disputa, sendo muito provável assistirmos a uma translação definitiva da modernidade e poder para o Oriente.

Considero assim, crucial, o desenvolvimento deste **pólo atlântico** beneficiando e desenvolvendo as margens e a interconexão à volta de todo o oceano Atlântico.

Sei que agora, com a invasão da Ucrânia no topo das atenções mundiais, é difícil olhar a 360 graus e perceber que na Ucrânia estaremos numa fase Operacional,

mas será no Atlântico que se jogará a grande cartada estratégica, sem a qual, a disputa com o Indo-Pacífico penderá certamente para o Oriente.

Para dar corpo a esta visão, de um novo posicionamento da Lusofonia, neste contexto global, quero partilhar convosco uma nova conceptualização, baseada numa comunidade a que chamo a Macaronésia Lusófona (os quatro arquipélagos dos Açores, Madeira, Cabo Verde e Canárias).

Trata-se de uma **região geoestratégica**, que chamo **Macaronésia de Língua Portuguesa**, que permite **definir** um **novo espaço marítimo de atuação**, abrangendo os arquipélagos dos Açores, da Madeira, de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Fernando de Noronha, e que assenta em dois pilares comuns e fundamentais: a **geografia** e a **cultura lusófona**.

A **implementação** deste conceito geoestratégico da Macaronésia de língua portuguesa seria facilitada pela **identidade lusófona**, que atuaria como um fator de **coesão cultural, política e social** entre os arquipélagos, valorizando um posicionamento estratégico, pensado de forma disruptiva há 500 anos atrás, como fonte de poder e prosperidade.

O grande estratega do poder marítimo, o **Almirante Mahan**, defendia o papel das ilhas como **pontos de apoio** essenciais para o **controlo** dos **espaços** marítimos onde se inseriam e conseqüentemente determinantes para o **domínio** dos mares e para a **projeção** de poder das nações marítimas.

Outro pensador do final do século XIX e primeira metade do Século XX, Jacques Pirene, distinguia as **civilizações marítimas** como mais **abertas, dinâmicas e comerciais** do que as **continentais**, que seriam mais **fechadas, autoritárias e belicosas**. Deste modo, as potências marítimas possuiriam uma **vantagem estratégica** sobre as potências continentais, pois poderiam **controlar os mares e as rotas comerciais, projetar** o seu poder e **aliar-se entre si** contra as ameaças terrestres. Na competição/confronto que se desenha num futuro próximo, como no

atual da Ucrânia, estarão em oposição duas mentalidades opostas, uma mentalidade marítima versus uma continental.

Neste enquadramento, o **controlo dos espaços comuns da humanidade**, um deles o **mar**, tal como Barry Posen o concebeu: poderá garantir o livre uso deste e condicionar, ou regular o uso do mesmo aos opositores e só isso permitirá manter a liderança mundial da coligação ocidental.

Resulta daqui que Atlântico (norte e sul) deve ser palco de uma **estratégia marítima comum**, uma **grande Estratégia Ocidental**. Só assumindo esse desígnio poderá este espaço contribuir fortemente para a **Segurança, a Defesa, o Desenvolvimento económico**, as **Comunicações** e a **Logística** do Mundo Ocidental.

A **Macaronésia de língua portuguesa** tem aí, uma **posição privilegiada** no Atlântico, pois liga a Europa, a África e a América, geográfica, histórica e culturalmente. Tem também um grande **potencial económico**, com recursos naturais valiosos, como o petróleo, o gás, os minerais raros, a pesca, o turismo e o comércio marítimo. É também uma região estratégica para as **comunicações**, pois por ela passam vários **cabos submarinos** que interligam os continentes e que garantem a transmissão da grande maioria das comunicações mundiais, num mundo globalizado e numa economia cada vez mais digital.

Agora, peço-vos que imaginem estas **ilhas e os seus portos** como fazendo parte de uma **rede**, topologicamente **central** a uma mais vasta que ligará os diversos portos da bacia Atlântica e destes para os respetivos **Hinterlands** continentais dessa bacia.

De forma resumida, a minha visão consiste em **usar estas “ilhas abençoadas” do Atlântico, esta Macaronésia de língua portuguesa**, como uma **rede topológica** que simplifica e organiza os fluxos entre os continentes, maximizando a **capacidade**

**de segurança, defesa, desenvolvimento económico, comunicações e logística** no nosso oceano comum.

Esta **rede topológica tem um potencial expansivo**, pois pode abranger outros arquipélagos, como as Canárias, ou até mesmo cidades flutuantes que possam surgir no futuro. Desta forma, a rede pode adaptar-se às mudanças geopolíticas e tecnológicas que ocorram no Atlântico.

No plano da **Segurança e Defesa**, os nós desta rede funcionariam como os **olhos e escudos** no Atlântico. Com eles, através de uma **rede de sensores** e de **bases navais, pontos de apoio logístico**, numa lógica *mahaniana*, podemos **vigiar, proteger e defender**, em resumo, controlar esse vasto espaço marítimo.

Através dos *nós* desta rede podemos prevenir e combater as ameaças e os riscos à segurança marítima, tais como a pirataria, o tráfico de drogas, pessoas e armas, o terrorismo e a pesca ilegal. Essas ameaças e outras híbridas e/ou assimétricas, comprometem a estabilidade, a paz e o desenvolvimento da região atlântica. Neste âmbito, a **região do Golfo da Guiné é crítica para Portugal e para a lusofonia**, mas também para o Ocidente, não só porque representa um elevado **potencial económico e estratégico**, mas também por se tratar de uma área de forte **influência e interesse** para os países da **CPLP**.

No plano do **desenvolvimento económico**, as ilhas devem ser os nossos **parceiros** privilegiados e **polos** de riqueza no Atlântico. Com elas, podemos desenvolver o **comércio**, a **indústria** naval, o **turismo**, a **pesca**, a exploração sustentada de **recursos marinhos**, a **inovação**, a **competitividade** e a futura **economia azul**. Além disso, podemos diversificar as nossas atividades produtivas, promover a **criação de emprego** e integrar-nos em **redes regionais e globais** de cooperação económica, numa posição singular.

No plano das **Comunicações**, as ilhas serão os **pontos de amarração** de uma malha atlântica, ligadas por uma **rede de cabos submarinos** que passando pelas

ilhas unem os continentes na melhor topologia. Essa rede de cabos submarinos permite uma comunicação rápida, segura, de alta qualidade e redundante, possibilitando que eventuais disrupções possam ser compensadas por outras linhas da mesma rede. Além disso, essa rede de cabos submarinos pode constituir uma **rede de sensores acústicos em todo o Atlântico**, que pode ser usada para monitorizar e detetar **atividades ilícitas a grandes distâncias** no oceano, podendo ter aplicações na segurança marítima, na defesa, na pesquisa científica e na conservação ambiental.

As ilhas também podem ser centros de amarração de **clusters computacionais** num futuro digital. Será também mais fácil garantir o desenvolvimento e a promoção de um **sistema de governação estável** num ecossistema próspero, beneficiando da **reduzida dimensão** das ilhas e arquipélagos, mas sobretudo do **isolamento** que o mar proporciona de outras regiões continentais em forte ebulição.

**No plano da Logística**, as ilhas poderão ser os nossos **atalhos e pontos de apoio** no Atlântico. Usando algoritmos matemáticos e computacionais, é possível encontrar as **rotas ótimas** para cada tipo de navio e carga, **minimizando os custos**, os **tempos** e os **impactos ambientais** do transporte marítimo. Pode, dessa forma, aumentar-se a eficiência, a competitividade e a sustentabilidade do transporte marítimo.

Assim, **partilhando recursos, meios e capacidades** todos os países e os arquipélagos envolvidos podem beneficiar desta rede topológica Intra oceânica, repartindo os custos, os riscos e os benefícios.

Portugal beneficiaria certamente de uma maior **cooperação e presença naval** nos *nós* da rede, como Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, estando estes arquipélagos fortemente ligados a nós por laços culturais e económicos, podendo ser incrementados numa grande macronésia envolvendo os Açores e a Madeira. Esta presença naval serviria para **combater as ameaças à segurança marítima** na região, como a **pirataria**, os **tráficos** e o **terrorismo**, enquanto **colaboraria na**

**capacitação dos países da região** e criando e fortalecendo a rede topológica Intra oceânica do Atlântico.

Finalmente, num contexto mais alargado, a **Macaronésia de língua portuguesa constituir-se-á no centro nevrálgico** de um **arco de estabilidade lusófono** que liga Portugal continental a Angola e ao Brasil, com vista a afirmar a **presença** e a **influência** dos países lusófonos no Atlântico, bem como para articular **interesses comuns** e coordenar **ações conjuntas**, em particular no âmbito da **segurança marítima** e do **desenvolvimento económico do Atlântico**.

Esta rede atuaria em consonância com os interesses e os **alinhamentos ocidentais** num contexto mais global. Assim, poderia desempenhar um papel fundamental para garantir à **coligação ocidental das potências marítimas** uma **liderança ativa num futuro pós-2030**, criando um **polo de desenvolvimento complementar** aos polos do Pacífico e do Índico e **evitando uma nova hegemonia** e as consequentes calamidades resultantes das transições geoglobais, tais como a **guerra**, a **fome** e a **destruição**.

Minhas senhoras e meus senhores,

**O mar é a nossa liberdade e o nosso compromisso!**

E só com a **colaboração e a contribuição** de Portugal e dos outros países da **Macaronésia de língua portuguesa** podemos **tornar esta visão uma realidade**.

Que esta seja a nossa **rede de estabilidade** e de **prosperidade** no Atlântico.

Muito obrigado pela vossa atenção.

Henrique Eduardo Passaláqua de Gouveia e Melo

Almirante